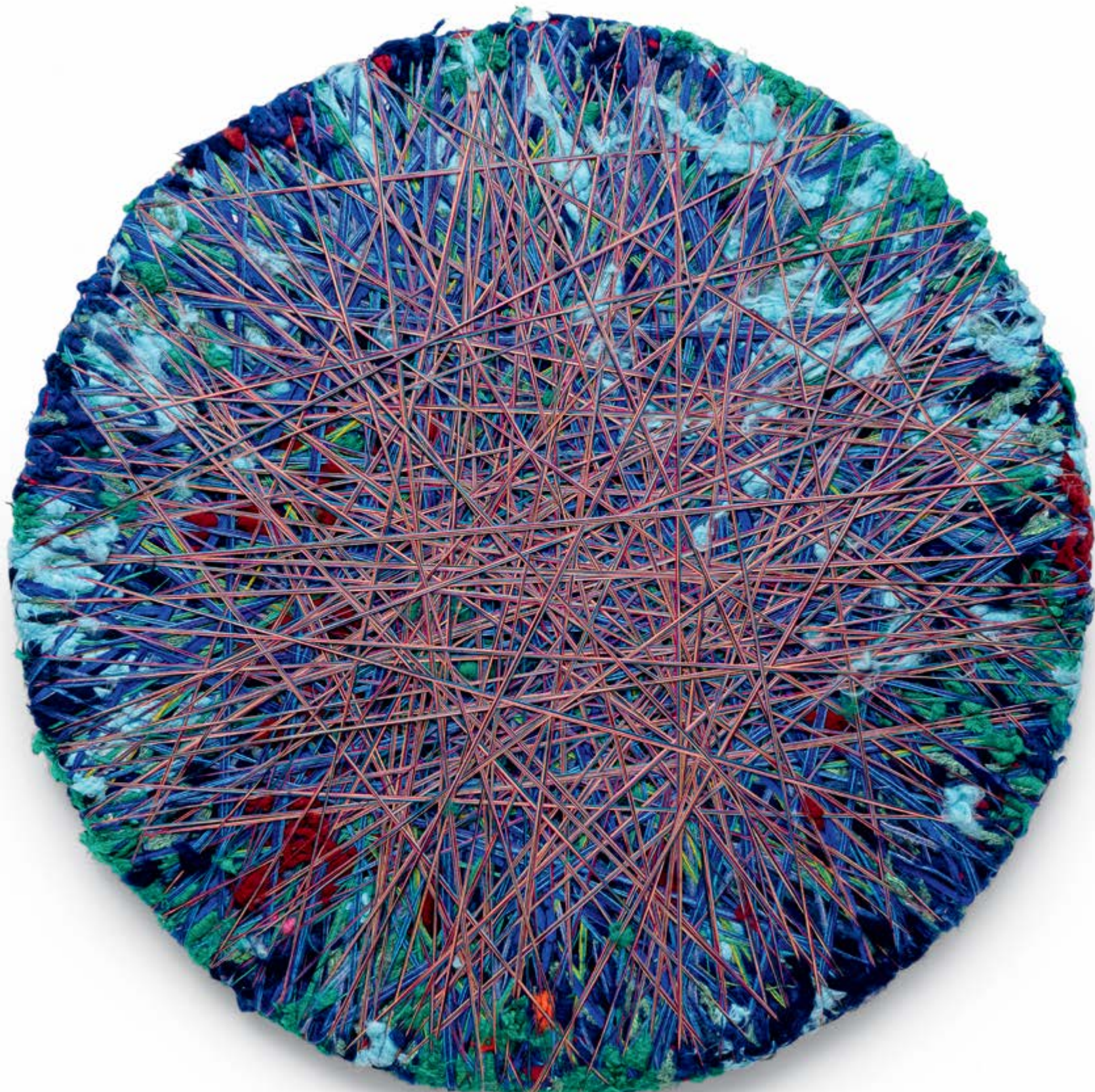
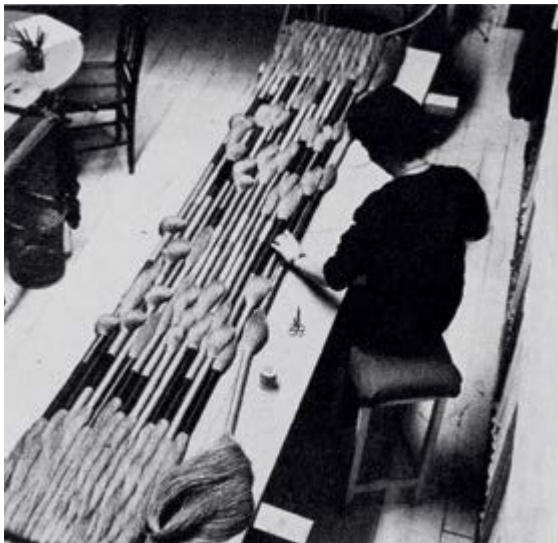


O QUE O QUE É ISSO?



Sheila Hicks

Sheila Hicks. *Indanthrone* [Indantrona], 2026. Algodão, linho e fibra sintética. 90 cm (diâmetro).
Coleção da artista. Foto: Tatiana Mito



Sheila Hicks trabalhando em seu ateliê, déc. 1960. Cortesia Ateliê Sheila Hicks



Sheila Hicks trabalhando em Solferino Tacubaya, em seu quarto no Rancho Miel, Taxco el Viejo, México, 1960-61. Cortesia Ateliê Sheila Hicks

Em 1957, uma bolsa Fulbright levou Sheila Hicks ao Chile. Em vez de seguir direto para Santiago, ela chegou primeiro à Venezuela e viajou depois em pequenos aviões e por terra pela Colômbia, pelo Equador e pelo Peru, entrando no Chile pelo deserto do Atacama. O arqueólogo norte-americano Junius Bird, especialista em culturas andinas, indicou lugares, escavações e coleções que ela deveria conhecer ao longo do caminho. No Peru, passou por Lima, Cuzco e Machu Picchu. Na volta do Chile, foi à Bolívia, onde encontrou uma produção têxtil ainda viva no cotidiano, com fibras de lhama e alpaca fiadas à mão e teares em funcionamento no campo. Por fim, seguiu para o Uruguai. Na época, Hicks ainda se via como pintora, mas já dividia seu interesse entre arqueologia, cerâmica, tecelagem e arquitetura.

Formada em pintura na Yale University, Hicks voltou cedo sua atenção às tradições têxteis das Américas. No fim dos anos 1950, uma bolsa Fulbright levou-a ao Chile e, dali, a outros países da América do Sul. Na exposição, os têxteis do Comodato MASP Landmann situam historicamente algumas das tradições técnicas andinas que Hicks estudou nesse período. Nos anos seguintes, viveu no México e estabeleceu uma trajetória marcada pela circulação entre diversos contextos culturais e modos de produção, aproximando a pesquisa artística dos saberes artesanais, da arquitetura e da indústria.

O Brasil integra essa geografia de interesses e deslocamentos desde o início da trajetória da artista. Em 2012, participou da 30ª Bienal de São Paulo, *A iminência das poéticas*, com curadoria de Luis Pérez-Oramas. Mais de uma década depois, esse diálogo se renova em *O que que é isso?*, exposição com curadoria de Ana Roman, Luis Pérez-Oramas e Paulo Miyada, que permite acompanhar uma produção que se desdobra, do pequeno formato à escala arquitetônica.

Sua obra encontra, no Brasil, ressonâncias particulares em histórias nas quais fazer e saber estão profundamente implicados. Técnicas indígenas e afro-brasileiras, tradições populares, produção artesanal e investigações no campo da arte e do design dão ao têxtil uma presença que ultrapassa a materialidade. Tecer, trançar, enlaçar e torcer são formas de transmissão e transformação de conhecimentos por meio do gesto. Sem estabelecer equivalências entre experiências e contextos distintos, a exposição cria condições para que essas histórias se aproximem e produzam novas relações.

A experimentação é uma condição permanente do trabalho de Hicks. Numa época em que o têxtil ainda ocupava posição periférica nas narrativas da arte, sua prática desestabilizou distinções entre arte e artesanato, obra autônoma e ambiente, trabalho manual e produção industrial – território que hoje reconhecemos como campo ampliado das práticas têxteis na arte contemporânea.

Essa capacidade de colocar em movimento categorias estabelecidas encontra ressonância na atuação do Instituto Tomie Ohtake, que busca aproximar campos de conhecimento, modos de fazer e públicos variados. Agradecemos ao Ministério da Cultura que, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), viabilizou a exposição *Sheila Hicks – O que que é isso?*. A mostra é uma realização do Instituto Tomie Ohtake, apresentada pelo Bradesco, e conta com os apoios da BMA Advogados, na cota Bronze, e da Nara Roesler.

Instituto Tomie Ohtake

Sheila Hicks. *Voltaire*, 2018. Linho montado em moldura de madeira. 100 x 420 cm (2 painéis). Coleção da artista. Foto: Tatiana Mito

No final dos anos 1950, ainda estudante na Yale University, Sheila Hicks improvisou um pequeno tear com pedaços de bastidores de pintura. Ao encontrá-la trabalhando, Josef Albers, então seu professor, perguntou: *Was ist das, girl?* – “O que que é isso, garota?”. A pergunta, que expressava a estranheza diante de algo que não era exatamente pintura, acabou abrindo um caminho. Josef a apresentou à artista Anni Albers e, nos anos seguintes, Hicks faria do fio o ponto de partida para uma investigação que colocaria em relação matéria, estrutura, cor e espaço.

Ainda na universidade, o contato com têxteis pré-colombianos transformou a maneira como Hicks observava os objetos. Mais do que decifrar o que significavam, ela procurava compreender como haviam sido feitos. Como um fio atravessa outro? O que acontece quando é torcido, enrolado, dobrado, amarrado ou tensionado? Como uma superfície se transforma em volume? A atenção à construção, às propriedades dos materiais e às possibilidades contidas em cada gesto se tornaria fundamental em seu trabalho.

Em 1957, Hicks partiu dos Estados Unidos em direção à América Latina. Nos anos seguintes, viveu no México e percorreu Chile, Colômbia, Equador, Bolívia, Venezuela e Peru, aproximando-se de acervos e tradições têxteis que conheceu durante os estudos. Encontrou artistas, arquitetos, pesquisadores e artesãos, e iniciou uma rede de relações que continuaria a crescer ao longo de sua vida. A viagem tornou-se uma dimensão constitutiva de seu trabalho: uma forma de aprender pela observação e pelo encontro, de acompanhar a circulação de materiais e conhecimentos e de aproximar procedimentos surgidos em lugares distantes. Esses deslocamentos ampliaram seu entendimento do campo têxtil e incorporaram ao seu repertório outros gestos.

Em suas mãos, o fio torna-se linha, superfície, volume e estrutura: objetos pequenos o bastante para caber na palma da mão convivem com trabalhos que alteram a escala da arquitetura; fibras naturais, materiais industriais e tecnologias contemporâneas integram um mesmo vocabulário; e a cor nasce junto à matéria e ganha corpo por meio dela. Na exposição, esses elementos pendem, atravessam, comprimem-se, enrolam-se e se expandem, formando colunas, painéis, cordas, trouxas e corpos de difícil classificação. Ao ocupar o espaço, ligam pontos, delimitam intervalos, envolvem volumes e reorganizam paredes, pisos, alturas e passagens, fazendo com que cada obra envolva também o deslocamento do visitante.

A pergunta “O que que é isso?” acompanha esse encontro como um exercício de atenção, conduzindo o olhar para as relações entre peso, cor, gesto e matéria. Ao longo de quase sete décadas, Hicks incorporou conhecimentos e procedimentos encontrados em diferentes geografias, reelaborando-os continuamente diante de novos materiais, escalas e contextos. Em sua obra, cada gesto carrega a memória de outros e abre a possibilidade do que ainda pode vir.

Ana Roman, Luis Pérez-Oramas e Paulo Miyada
Curadores



Sheila Hicks. *Asian Sobriety* [Sobriedade asiática], 2016. Algodão e seda. 23 x 14 cm. Coleção Vera Negrão. Foto: Erika Mayumi



Sheila Hicks. *Small Chance* [Pouca chance], 2016. Algodão e linho. 23,5 x 15 cm. Coleção Vera Negrão. Foto: Erika Mayumi

Os *Minimes* são pequenas tecelagens que Sheila Hicks desenvolve desde o início da carreira, em paralelo aos trabalhos de grande porte. As primeiras peças nasceram nos mesmos teares improvisados a partir de chassis de pintura, fios tensionados entre pequenos pregos, algumas com cerca de 25 por 15 centímetros, outras próximas de 35 por 30. Trabalhava com algodão e lã, tingidos ou em suas cores naturais, testando técnicas observadas nos têxteis pré-incaicos. Em 1961, apresentou um conjunto dessas peças na exposição *Tejidos*, na Cidade do México, e levou trabalhos semelhantes ao Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York, que adquiriu alguns deles. Hicks nunca abandonou esse formato: descreve os *Minimes* como o lugar onde encontrou sua voz e onde continua a experimentar livremente, mesmo em meio a projetos monumentais.



Na Yale University, Sheila Hicks estudou pintura com Josef Albers – cuja investigação da cor e da percepção marcou sua formação – e história da arte com George Kubler, especialista na arte e na arquitetura das Américas. Num curso de Kubler, escolheu os têxteis peruanos antigos como tema de pesquisa, depois de uma aula sobre fardos funerários do Peru que a impressionou, e logo percebeu que precisava entender como eram construídos: passou a tensionar fios em chassis de pintura, usados como teares improvisados. Foi assim que Albers a viu trabalhando e decidiu apresentá-la à esposa, a artista Anni Albers, que tecia em tear e cujo trabalho, aos olhos de Hicks, dava sentido e expressão a um material até então visto como utilitário. Hicks também frequentava a Escola de Arquitetura, onde acompanhava as aulas de Louis Kahn.

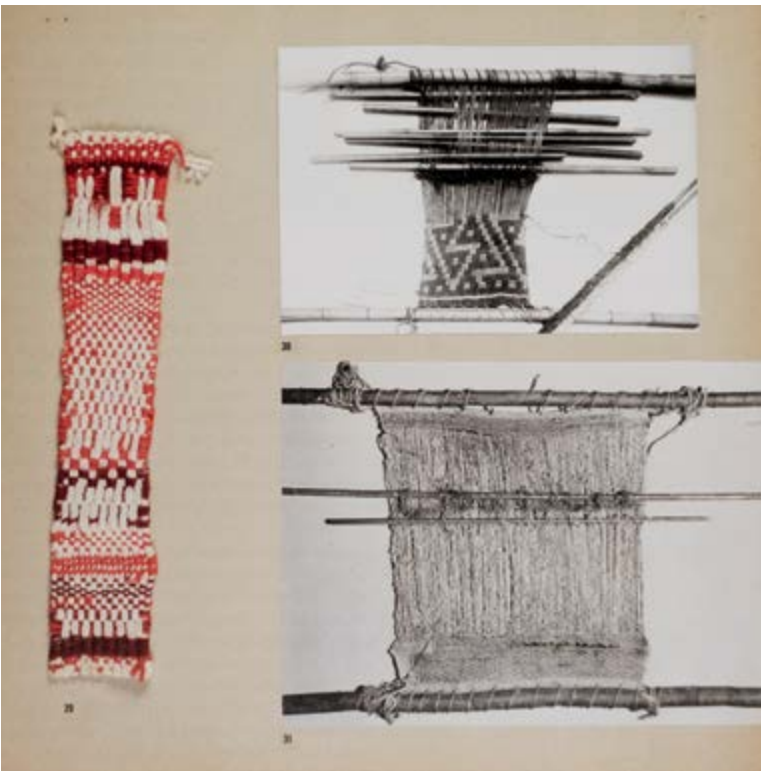


Josef Albers e Sheila Hicks, Yale School of Art, New Haven, Connecticut, 1958. Cortesia Ateliê Sheila Hicks

Durante a primeira viagem pela América do Sul, Sheila Hicks fotografava enquanto escrevia e desenhava em diários e cadernos, uma forma de registrar o que encontrava ao longo dos deslocamentos e de levar consigo informações para a pesquisa. Em Machu Picchu, fez fotografias publicadas depois na *Perspecta*, revista da Escola de Arquitetura da Yale University. No Chile, conheceu o fotógrafo Sergio Larrain Echeñique, com quem passou a revelar e imprimir os negativos da viagem. Juntos, percorreram o sul do país entre dezembro de 1957 e janeiro de 1958.



Duas páginas da tese de Sheila Hicks na Yale University, "Andean Textile Art", 1957. Cortesia Ateliê Sheila Hicks

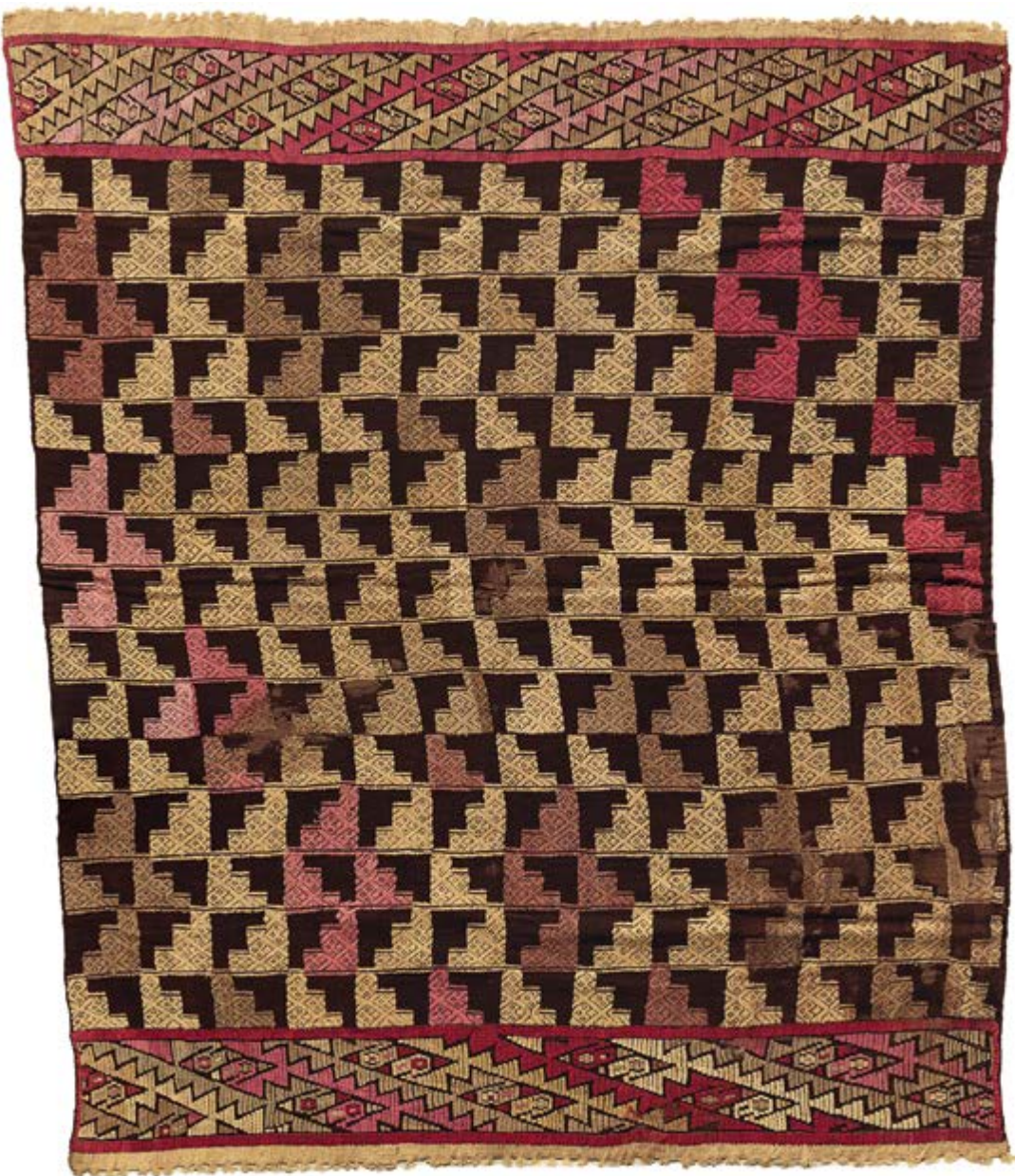


Páginas do caderno de Sheila Hicks, 1958-1970. Cortesia Ateliê Sheila Hicks



Sheila Hicks tecendo em um tear de cintura, próximo a Mitla, México, 1960. Cortesia Ateliê Sheila Hicks

O interesse de Sheila Hicks pelos têxteis andinos começou ainda durante sua formação na Yale University, quando passou a estudar suas imagens, estruturas e modos de construção. A partir de 1957, suas viagens pela América do Sul aproximaram essa pesquisa dos territórios, coleções arqueológicas e tradições de tecelagem que até então conhecia sobretudo por livros e museus. Com indicações do arqueólogo Junius Bird, então curador do American Museum of Natural History, Hicks percorreu sítios, visitou coleções e observou diferentes maneiras de trabalhar fibras, construir superfícies e organizar cores e padrões. Essa experiência não se traduziu em uma assimilação direta de formas históricas, mas ajudou a estabelecer uma investigação que atravessaria toda a sua obra: compreender o tecido a partir de sua estrutura e explorar, continuamente, as possibilidades abertas por um fio.



Chancay. Tapeçaria, c. 900-1500. Tecido. 148 x 128 cm. Comodato MASP Landmann. C.01016. Foto: MASP



Pachacamac. Vestimenta/Unku, s.d. Tecido. 84 x 100 cm. Comodato MASP Landmann. C.01058. Foto: MASP



Inca. Bolsa, s.d. Tecido e pena. 14 x 17 cm. Comodato MASP Landmann. C.01038. Foto: MASP



Chancay. Tapa-sexo, c. 1300-1500. Tecido. 71 x 52 cm. Comodato MASP Landmann. C.01065. Foto: MASP

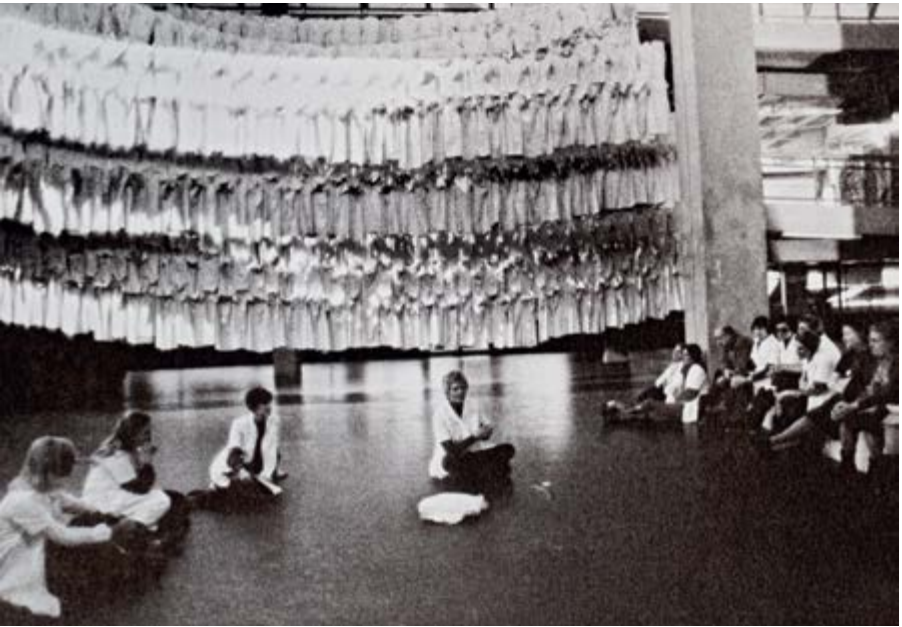
Essa relação entre tecido e corpo também aparece no *unku* proveniente de Pachacamac. Importante centro de peregrinação da costa central do Peru, ocupado por diferentes sociedades ao longo de mais de mil anos e posteriormente incorporado ao domínio inca, Pachacamac concentrava intensa circulação de pessoas, objetos e conhecimentos. O *unku*, túnica tecida usada sobre o corpo, era uma peça central do vestuário masculino andino e podia comunicar, para além de sua função cotidiana, pertencimentos e posições sociais por meio de sua matéria, construção e padrões.

A pequena bolsa inca feita de tecido e penas aponta para outra dimensão dessa produção. A partir do século 15, a expansão inca incorporou diferentes povos e territórios dos Andes, reunindo também tradições têxteis diversas. Os tecidos participavam dessas relações e podiam desempenhar funções cotidianas, cerimoniais e políticas. Na bolsa, a combinação entre fibras e penas evidencia ainda a diversidade material desse universo e a capacidade de reunir, em um objeto de pequena escala, procedimentos e matérias de distintas procedências.



Sheila Hicks. Vendedores de ovos diante de uma porta de ferro, Santiago, Chile, 1957

O interesse de Sheila Hicks pela arquitetura começou ainda na Yale University, onde frequentava a Escola de Arquitetura e acompanhava as aulas e conversas de Louis Kahn. Ela recorda que, naquele momento, a arquitetura a fascinava mais do que a tecelagem. Formada, mudou-se em 1959 para o México com a intenção de desenvolver um projeto sobre Félix Candela, arquiteto conhecido pelas estruturas experimentais em concreto realizadas por seu escritório, Cubiertas Ala. Começou a produzir um documentário sobre as construções de Candela e entrou em contato com revistas como *Architectural Record*, *Architectural Forum* e *Progressive Architecture*. Mais tarde, alguns de seus trabalhos passariam a dialogar diretamente com espaços projetados por arquitetos; para ela, por muitos anos, essa produção também era parte de sua pesquisa artística.

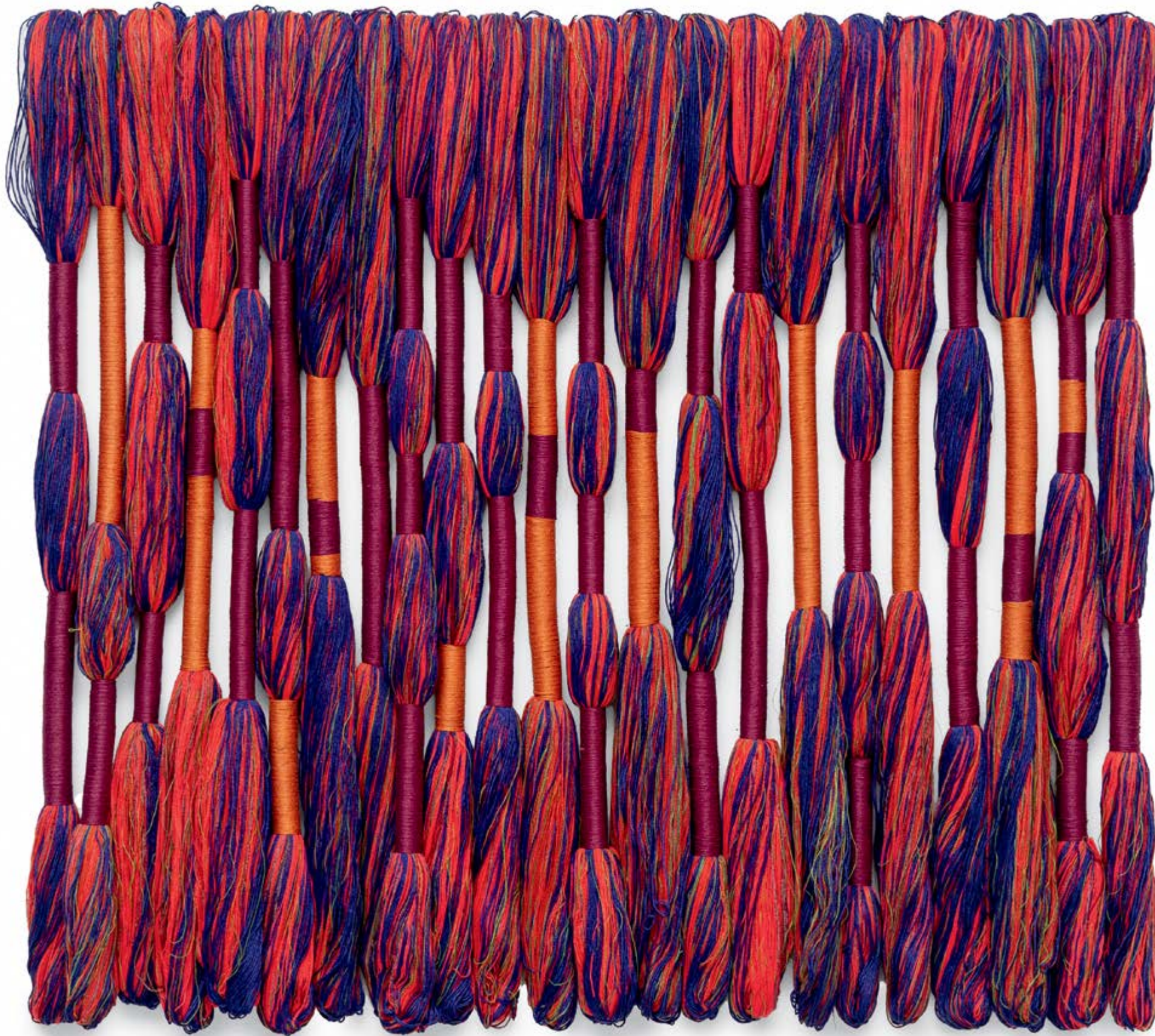


Registro da obra *Le Démêloir* [O desembaraçador], de Sheila Hicks, uma instalação com uniformes de enfermeiras suspensos em cabos, Montreuil, França, 1978. Cortesia Ateliê Sheila Hicks



Sheila Hicks com instalação de fibras na Cour de Rohan, Paris, c. 1980. Cortesia Ateliê Sheila Hicks

Ao migrar da pequena tecelagem para projetos monumentais, Sheila Hicks preservou os mesmos procedimentos do trabalho manual: atenção à cor, à textura, à densidade, ao modo como os fios se organizam entre si. Em suas esculturas constituídas por colunas, a multiplicação e o agrupamento dos fios transformam linhas individuais em grandes volumes têxteis, numa relação direta com a escala do corpo e da arquitetura.



Sheila Hicks. *Allegro*, 2026. Caxemira, lã e linho. 120 × 130 cm. 23 elementos. Coleção da artista. Foto: Tatiana Mito

As *Lianes* são obras formadas por longos cordões de fibras que se estendem verticalmente pelo espaço. Suspensos por uma das extremidades, esses feixes permanecem livres para cair, curvar-se, tocar o chão e assumir diferentes configurações de acordo com o lugar em que são instalados. O nome vem do francês *liane*, “liana” ou “cipó”, e remete à forma alongada e flexível dessas estruturas. Produzidas por Sheila Hicks desde os anos 1960, as *Lianes* marcam um momento importante de sua investigação sobre as possibilidades espaciais do têxtil. Nelas, o fio deixa de estar submetido à trama e ganha espessura, peso e extensão, estabelecendo relações diretas com a gravidade, a arquitetura e o corpo de quem percorre o espaço.



Sheila Hicks. *Cnossia*, 2026. Algodão, linho e fibra sintética. 80 cm (diâmetro). Coleção da artista. Foto: Tatiana Mito



Sheila Hicks. *Kozhikode II*, 1966-1968. Fibra de coco. 170 x 160 cm. Coleção da artista. Foto: Tatiana Mito

Em 1966, Sheila Hicks viajou a Calcutá, no estado de Bengala Ocidental, para colaborar com uma grande manufatura têxtil. Durante dois meses e meio, familiarizou-se com todas as etapas da produção: estudou os fios e as cores, acompanhou o funcionamento dos teares e trabalhou diretamente com os tecelões. Dessa experiência, surgiram tecidos como *Palghat*, inspirado nas tranças das meninas que Hicks observava a caminho da escola, e a série *Kerala*, composta por cerca de vinte tecidos batizados com nomes de vilarejos da região. Produzidos artesanalmente e nunca idênticos entre si, esses trabalhos combinavam saberes locais e experimentação, explorando a matéria, a irregularidade e as possibilidades de variação próprias do trabalho manual.



Sheila Hicks. *Seal Beach* [Praia de Seal], 2009. Linho bordado em tela sobre suporte de madeira. 291 x 264 x 7,5 cm (2 painéis). Coleção da artista. Foto: Tatiana Mito

A transcrição a seguir resulta de uma entrevista de história oral gravada com Sheila Hicks nos dias 3 e 10 de fevereiro e 11 de março de 2004. O encontro aconteceu em Paris, França, e foi conduzido por Monique Lévi-Strauss (1926–) para os Archives of American Art da Smithsonian Institution. Esta entrevista faz parte do Nanette L. Laitman Documentation Project for Craft and Decorative Arts in America. Sheila Hicks e Monique Lévi-Strauss revisaram a transcrição e realizaram correções e emendas. O leitor deve ter em mente que está lendo o registro de uma fala, e não um texto originalmente escrito. Para esta publicação, foram selecionados trechos da conversa.

Monique Lévi-Strauss				
	Esta é Monique Lévi-Strauss entrevistando Sheila Hicks em sua casa, em Paris, França, no dia 3 de fevereiro de 2004, para os Archives of American Art da Smithsonian Institution.			
Sheila Hicks				
Sou Sheila Hicks e acho que seria interessante apresentar brevemente a entrevistadora: Monique Roman Lévi-Strauss, casada com o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908–2009) desde 1954 e de origem americana. Sua mãe era americana e seu pai, belga. Somos amigas em Paris desde 1967–1968. Ela escreveu um livro sobre meu trabalho em 1973.				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				
ML				
SH				

1934	Sheila Hicks nasce em Hastings, Nebraska, Estados Unidos.
1959	Conclui o mestrado em Yale e recebe uma bolsa que lhe permite viajar pela Europa. Em Paris, conhece Raoul d’Harcourt, pesquisador especializado em têxteis pré-colombianos que a auxilia no desenvolvimento de sua pesquisa.

1943–1952	Ainda jovem, frequenta cursos no Detroit Institute of Arts, onde conhece os murais do artista mexicano Diego Rivera. Mais tarde, estuda pintura na New Trier High School, em Winnetka, Illinois, e assiste a aulas no Art Institute of Chicago, dedicando-se ao desenho e ao drapeado, experiência que a aproxima da tecelagem como uma forma de desenhar.
1954	Passa o verão estudando pintura em Taxco, no México. Em seguida, aprofunda sua formação na Yale University, onde estuda com Josef Albers, artista e professor ligado à Bauhaus, e com George Kubler, historiador da arte e da arquitetura especializado nas Américas.

1957	Conclui o bacharelado em Yale e recebe uma bolsa Fulbright para estudar no Chile. Frequenta cursos de arquitetura na Pontificia Universidad Católica de Chile e viaja por Colômbia, Equador e Peru, observando e registrando têxteis em desenhos e cadernos.
1958	Viaja a Ushuaia e à Terra do Fogo. No Chile, o fotógrafo Sergio Larrain Echeñique registra suas pinturas e tapeçarias, apresentadas no Museo Nacional de Bellas Artes, em Santiago, e posteriormente em Buenos Aires. Seus trabalhos têxteis são também expostos no Museo Nacional de Historia Natural do Chile.

1961	Realiza sua primeira exposição individual na galeria de Mathias Goeritz. Aproxima-se do arquiteto mexicano Luis Barragán e realiza uma tapeçaria para o Convento de las Capuchinas Sacramentarias, em Tlalpan, projetado por ele. No mesmo ano, o MoMA adquire <i>Small Hanging</i> [Pequena tapeçaria], obra em lã branca fiada à mão, incorporando à sua coleção um segundo trabalho de Hicks apenas um ano após a aquisição de <i>Blue Letter</i> .
------	--

1962	Em Nova York, conhece Florence Knoll, arquiteta e designer estadunidense que teve papel central no desenvolvimento do design moderno no pós-guerra, e passa a colaborar em projetos têxteis para a empresa Knoll. Cria uma cooperativa de artesãos na Irlanda e recebe do arquiteto mexicano Ricardo Legorreta um convite para desenvolver trabalhos para um hotel no México. Em Paris, conhece Monique Lévi-Strauss, pesquisadora de têxteis que se tornaria uma importante interlocutora de sua obra.
1963	Participa de exposições coletivas no MoMA, em Nova York, e no Stedelijk Museum, em Amsterdã. Ao mesmo tempo, sua produção passa a alcançar contextos arquitetônicos e comerciais de maior escala: recebe uma encomenda do braço francês da International Business Machines Corporation (IBM France) e desenvolve uma série de baixos-relevos em seda para a Air France.

1964	Participa de sua primeira exposição coletiva europeia, <i>Gewebte Formen</i> [Formas tecidas], no Museum für Gestaltung, em Zurique. Instala-se em Paris, cidade onde passará a viver e trabalhar, e aproxima-se de uma rede de artistas, escritores e arquitetos, entre eles o compositor e arquiteto Iannis Xenakis e o poeta Jean-Clarence Lambert.
1965	Abre um ateliê têxtil em Milão, trabalha com artesãos em Galway, na Irlanda, e, em Wuppertal, na Alemanha, inicia uma experiência de produção industrial. Essas diferentes formas de produção – do trabalho manual à indústria – passam a coexistir em sua prática.

1966	Recebe uma importante encomenda para a sede da Columbia Broadcasting System (CBS), em Nova York, edifício projetado por Eero Saarinen e concluído por Kevin Roche, com interiores de Florence Knoll e Warren Platner. A encomenda insere seu trabalho em uma escala diretamente relacionada à arquitetura.
1967	Realiza um baixo-relevo em linho para o Rochester Institute of Technology, nos Estados Unidos, e participa da Bienal Internacional de Tapeçaria de Lausanne, importante plataforma internacional para as transformações da tapeçaria e das práticas têxteis no pós-guerra.

1968	Apresenta seus <i>Minimes</i> – pequenas tecelagens que passam a constituir uma vertente contínua de sua produção – no Centre Culturel Américain, em Paris. No bairro de Montsouris, adquire um imóvel e convida Luis Barragán a projetar uma residência e dois ateliês. É publicada em Stuttgart, na Alemanha, uma monografia sobre seu trabalho, escrita por Monique Lévi-Strauss.
1969	Participa de <i>Wall Hangings</i> [Peças de parede], no MoMA, em Nova York, exposição dedicada às transformações da tecelagem e da fibra na arte contemporânea.

1970–1974	Amplia a escala e a dimensão arquitetônica de seu trabalho. Em Rabat, desenvolve uma encomenda para o governo marroquino; realiza baixos-relevos para a Air France e, em Paris, cinco obras em fibra de linho para o hall da Assembleia Nacional. Em 1974, o Stedelijk Museum, em Amsterdã, apresenta uma retrospectiva de sua obra.
1975–1979	Seu trabalho circula entre museus, espaços públicos e projetos arquitetônicos na França, Suíça, Suécia, nos Bálcãs e em Israel. Em Paris, estabelece seu ateliê em Montsouris. Na Suécia, apresenta uma instalação em que o linho se estende pelo espaço sobre toneladas de jornais e revistas; em Israel, desenvolve trabalhos em linho para <i>kibutzim</i> .

1980–1984	Concebe um ambiente para o Israel Museum, em Jerusalém, e desenvolve projetos no Japão e para a King Saud University, em Riad. Em 1984, recebe um título <i>honoris causa</i> da Rhode Island School of Design.
1985–1989	Participa de exposições nos Estados Unidos que aproximam arte, design e práticas têxteis. Em 1987, um filme produzido pelo Centre Pompidou percorre sua trajetória e seu trabalho é registrado também pelo Archives of American Art, da Smithsonian Institution. No final da década, viaja ao Japão e colabora com Arata Isozaki, um dos principais arquitetos japoneses do pós-guerra.

1990–1995	Realiza sua primeira exposição individual em Tóquio e amplia sua presença na Ásia. Em 1993, instala <i>Four Seasons of Mount Fuji</i> [Quatro estações do Monte Fuji], baixo-relevo de 103 metros de extensão, no Fuji City Culture Hall. Em 1995, expõe na 16ª e última Bienal Internacional de Tapeçaria de Lausanne, mostra da qual participava desde os anos 1960.
1996–2000	Realiza sete obras em fibras de aço inoxidável a partir de uma encomenda pública na França e é nomeada Officier des Arts et des Lettres. Em 1997, recebe a medalha de ouro do American Craft Council. No final da década, desenvolve projetos no Marrocos e no Mali, dando continuidade ao interesse por diferentes tradições e modos de produção têxtil.

2003–2009	Recebe encomendas arquitetônicas nos Estados Unidos. Em 2006, apresenta a exposição <i>Weaving as Metaphor</i> [Tecer como metáfora] no Bard Graduate Center, em Nova York. O catálogo da mostra, concebido pela designer gráfica holandesa Irma Boom, aproxima seus pequenos tecidos de desenhos e anotações e recebe reconhecimento internacional. Nos anos seguintes, Hicks realiza conferências em instituições como a Harvard University, o Institut de France e o Institute for Advanced Study, em Princeton.
2010–2011	A exposição itinerante <i>Sheila Hicks: 50 Years</i> [Cinquenta anos], concebida por Joan Simon e Susan Faxon, reúne cinco décadas de sua produção. No ano seguinte, <i>One Hundred Minimes</i> [Cem <i>Minimes</i>] é apresentada no Museum Boijmans Van Beuningen, em Roterdã, após passar por Praga.

2012	Participa da 30ª Bienal de São Paulo, <i>A iminência das poéticas</i> , realizada no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque Ibirapuera.
2013–2017	Realiza exposições em Londres, Tóquio, Paris e Dijon e participa da Bienal do Whitney, em Nova York. Retrospectivas de sua obra são apresentadas no TextielMuseum, nos Países Baixos, no Joslyn Art Museum, nos Estados Unidos, e no Textile Museum of Canada. Em 2017, participa da 57ª Bienal de Veneza e apresenta uma retrospectiva no Museo Amparo, em Puebla, México.

2018	O Centre Pompidou, em Paris, apresenta <i>Lignes de vie</i> [Linhas de vida], exposição dedicada a mais de seis décadas de sua produção.
2026	Apresenta as exposições <i>Sheila Hicks: Rivers Near and Far</i> [Rios perto e longe] no West Bund Museum, em Shanghai; <i>O que que é isso?</i> , no Instituto Tomie Ohtake, e <i>Autobiografia de um fio</i> , na Nara Roesler, ambas em São Paulo; <i>Au-Delà</i> [Além], no Palais des Beaux-Arts de Lille; e uma grande retrospectiva no Padiglione d’Arte Contemporaneo, em Milão.

2019	Retorna ao Chile com <i>Sheila Hicks: Reencuentro</i> [Reencontro], no Museo Chileno de Arte Precolombino, em Santiago, reunindo cerca de cinquenta obras. A exposição retoma a relação com o país onde, mais de sessenta anos antes, Hicks havia aprofundado seu contato com os têxteis pré-colombianos e realizado algumas de suas primeiras exposições. No mesmo ano, recebe o título de doutora <i>honoris causa</i> da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris.
------	---

1996–2000	Realiza sete obras em fibras de aço inoxidável a partir de uma encomenda pública na França e é nomeada Officier des Arts et des Lettres. Em 1997, recebe a medalha de ouro do American Craft Council. No final da década, desenvolve projetos no Marrocos e no Mali, dando continuidade ao interesse por diferentes tradições e modos de produção têxtil.
2003–2009	Recebe encomendas arquitetônicas nos Estados Unidos. Em 2006, apresenta a exposição <i>Weaving as Metaphor</i> [Tecer como metáfora] no Bard Graduate Center, em Nova York. O catálogo da mostra, concebido pela designer gráfica holandesa Irma Boom, aproxima seus pequenos tecidos de desenhos e anotações e recebe reconhecimento internacional. Nos anos seguintes, Hicks realiza conferências em instituições como a Harvard University, o Institut de France e o Institute for Advanced Study, em Princeton.
2010–2011	A exposição itinerante <i>Sheila Hicks: 50 Years</i> [Cinquenta anos], concebida por Joan Simon e Susan Faxon, reúne cinco décadas de sua produção. No ano seguinte, <i>One Hundred Minimes</i> [Cem <i>Minimes</i>] é apresentada no Museum Boijmans Van Beuningen, em Roterdã, após passar por Praga.
2012	Participa da 30ª Bienal de São Paulo, <i>A iminência das poéticas</i> , realizada no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque Ibirapuera.

2013–2017	Realiza exposições em Londres, Tóquio, Paris e Dijon e participa da Bienal do Whitney, em Nova York. Retrospectivas de sua obra são apresentadas no TextielMuseum, nos Países Baixos, no Joslyn Art Museum, nos Estados Unidos, e no Textile Museum of Canada. Em 2017, participa da 57ª Bienal de Veneza e apresenta uma retrospectiva no Museo Amparo, em Puebla, México.
2018	O Centre Pompidou, em Paris, apresenta <i>Lignes de vie</i> [Linhas de vida], exposição dedicada a mais de seis décadas de sua produção.
2026	Apresenta as exposições <i>Sheila Hicks: Rivers Near and Far</i> [Rios perto e longe] no West Bund Museum, em Shanghai; <i>O que que é isso?</i> , no Instituto Tomie Ohtake, e <i>Autobiografia de um fio</i> , na Nara Roesler, ambas em São Paulo; <i>Au-Delà</i> [Além], no Palais des Beaux-Arts de Lille; e uma grande retrospectiva no Padiglione d’Arte Contemporaneo, em Milão.

2019	Retorna ao Chile com <i>Sheila Hicks: Reencuentro</i> [Reencontro], no Museo Chileno de Arte Precolombino, em Santiago, reunindo cerca de cinquenta obras. A exposição retoma a relação com o país onde, mais de sessenta anos antes, Hicks havia aprofundado seu contato com os têxteis pré-colombianos e realizado algumas de suas primeiras exposições. No mesmo ano, recebe o título de doutora <i>honoris causa</i> da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris.
------	---

2020–2022	O Museum für Angewandte Kunst, em Viena, apresenta sua primeira exposição individual em um museu austríaco. Em 2022, na França, recebe a honraria de Chevalière de la Légion d’Honneur.
2023–2025	Apresenta exposições no Kunstmuseum St. Gallen, na Suíça, e no Centre Pompidou Málaga, na Espanha. Participa de <i>Weaving Abstraction in Ancient and Modern Art</i> [Tecendo a abstração na arte antiga e moderna], exposição que aproxima têxteis antigos e arte moderna e contemporânea, apresentada no Metropolitan Museum of Art, em Nova York, e no Los Angeles County Museum of Art. Em 2025, o San Francisco Museum of Modern Art sedia uma exposição de sua obra; Hicks é nomeada membro da American Academy of Arts and Letters; e o Musée du Quai Branly – Jacques Chirac, em Paris, apresenta <i>Sheila Hicks – Le Fil voyageur</i> [O fio viajante].

2023–2025	Apresenta exposições no Kunstmuseum St. Gallen, na Suíça, e no Centre Pompidou Málaga, na Espanha. Participa de <i>Weaving Abstraction in Ancient and Modern Art</i> [Tecendo a abstração na arte antiga e moderna], exposição que aproxima têxteis antigos e arte moderna e contemporânea, apresentada no Metropolitan Museum of Art, em Nova York, e no Los Angeles County Museum of Art. Em 2025, o San Francisco Museum of Modern Art sedia uma exposição de sua obra; Hicks é nomeada membro da American Academy of Arts and Letters; e o Musée du Quai Branly – Jacques Chirac, em Paris, apresenta <i>Sheila Hicks – Le Fil voyageur</i> [O fio viajante].
-----------	---

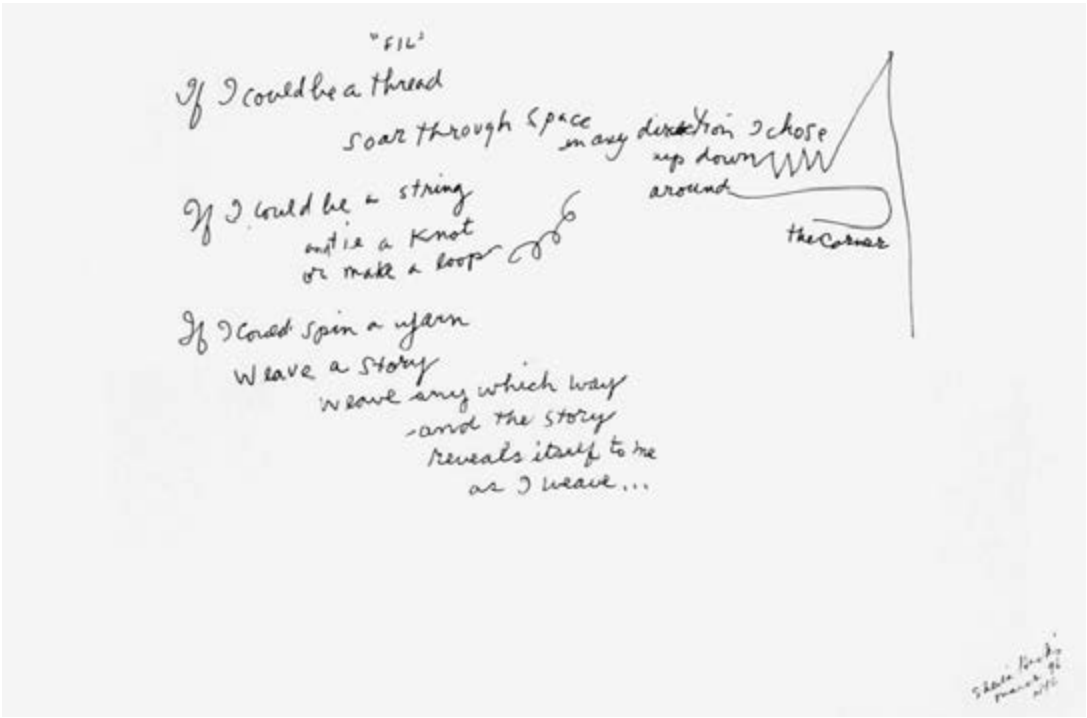
2026	Apresenta as exposições <i>Sheila Hicks: Rivers Near and Far</i> [Rios perto e longe] no West Bund Museum, em Shanghai; <i>O que que é isso?</i> , no Instituto Tomie Ohtake, e <i>Autobiografia de um fio</i> , na Nara Roesler, ambas em São Paulo; <i>Au-Delà</i> [Além], no Palais des Beaux-Arts de Lille; e uma grande retrospectiva no Padiglione d’Arte Contemporaneo, em Milão.
------	--

2019	Retorna ao Chile com <i>Sheila Hicks: Reencuentro</i> [Reencontro], no Museo Chileno de Arte Precolombino, em Santiago, reunindo cerca de cinquenta obras. A exposição retoma a relação com o país onde, mais de sessenta anos antes, Hicks havia aprofundado seu contato com os têxteis pré-colombianos e realizado algumas de suas primeiras exposições. No mesmo ano, recebe o título de doutora <i>honoris causa</i> da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris.
------	---

2020–2022	O Museum für Angewandte Kunst, em Viena, apresenta sua primeira exposição individual em um museu austríaco. Em 2022, na França, recebe a honraria de Chevalière de la Légion d’Honneur.
2023–2025	Apresenta exposições no Kunstmuseum St. Gallen, na Suíça, e no Centre Pompidou Málaga, na Espanha. Participa de <i>Weaving Abstraction in Ancient and Modern Art</i> [Tecendo a abstração na arte antiga e moderna], exposição que aproxima têxteis antigos e arte moderna e contemporânea, apresentada no Metropolitan Museum of Art, em Nova York, e no Los Angeles County Museum of Art. Em 2025, o San Francisco Museum of Modern Art sedia uma exposição de sua obra; Hicks é nomeada membro da American Academy of Arts and Letters; e o Musée du Quai Branly – Jacques Chirac, em Paris, apresenta <i>Sheila Hicks – Le Fil voyageur</i> [O fio viajante].

2026	Apresenta as exposições <i>Sheila Hicks: Rivers Near and Far</i> [Rios perto e longe] no West Bund Museum, em Shanghai; <i>O que que é isso?</i> , no Instituto Tomie Ohtake, e <i>Autobiografia de um fio</i> , na Nara Roesler, ambas em São Paulo; <i>Au-Delà</i> [Além], no Palais des Beaux-Arts de Lille; e uma grande retrospectiva no Padiglione d’Arte Contemporaneo, em Milão.
------	--





Sheila Hicks. Anotação, 1996. Cortesia Ateliê Sheila Hicks

SHEILA HICKS
O QUE QUE É ISSO?

Realização
Instituto Tomie Ohtake

Apoio
Nara Roesler

Curadoria
Ana Roman
Luis Pérez-Oramas
Paulo Miyada

Produção
Ana Laura e Silva
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Clara Machado
Letícia Ferraz de Carvalho
Rodolfo Borbel Pitarello
Tamara da Silva Pereira
Victor Ferraz

Coordenação de Montagem
Rodolfo Borbel Pitarello

Projeto Expográfico
Ligia Zilbersztein
Rian Tito

Design Gráfico
Catê Bloise
Pedro Lemme
Tie Ito
Vitor Cesar

Revisão
Divina Prado
Isabela Maia
Victor Negri

Tradução
Ana Roman
Victor Negri

Acessibilidade
Cristina Kenne
Janela Produtora

Montagem e Assistência
Projeta Produções Culturais

Museologia e Laudos
Alexandre Xavier
Catarina Zabrieszach
Heloisa Biancalana
Hudson Diniz P. Marques
Lilian Magalhães
Tainan Azimovas

Cenotecnia
Buriti Brasil

Pintura
WCA Pinturas e Decorações

Iluminação
Âmbar Locação e Serviços
de Iluminação - Marcos Franja

Impressão e Sinalização
Indústria Visual

Transporte
ACS - Air Cargo Services
One Moving

Seguro
Howden Brasil

Agradecimentos
Galeria Nara Roesler, Daniel Roesler, Alexandre Roesler, Nara Roesler, Lydia de Santis, Têra Queiroz, Mariana Amaral, Luiz Vieira, Kimie Noda, Studio Sheila Hicks, Anatole Leclercq, Cara McCarty, Kura Arte, MASP, Julio Landmann, Vera Negrão, Pablo Srur Rosales

JORNAL

Coordenação
Instituto Tomie Ohtake

Textos
Ana Roman
Luis Pérez-Oramas
Monique Lévi-Strauss
Paulo Miyada
Sheila Hicks

Projeto Gráfico
Catê Bloise
Pedro Lemme
Tie Ito
Vitor Cesar

Revisão
Divina Prado
Isabela Maia
Victor Negri

Impressão
Ipsis Gráfica e Editora

ISBN
978-65-89342-85-4

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br.



APOIO



nara roesler

ACESSO TOMIE



APOIO DE MÍDIA



REALIZAÇÃO

